

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS MOVIMENTOS SOCIAIS NO BRASIL: UMA COMPARAÇÃO COM O CENÁRIO LATINO-AMERICANO NO SÉCULO XX

Jocemir Falcão de Mello

Mestrando em Políticas Públicas e

Desenvolvimento na Universidade Federal da Integração Latino-Americana.

Graduado em História. E-mail: historia_falcao@hotmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Jocemir Falcão de Mello: "Considerações sobre os movimentos sociais no Brasil: uma comparação com o cenário latino-americano no século XX", Revista Observatorio de las Ciencias Sociales en Iberoamérica, ISSN: 2660-5554 (Vol 2, Número 17, diciembre 2021, pp.104-117). En línea:

<https://www.eumed.net/es/revistas/observatorio-de-las-ciencias-sociales-en-iberoamerica/ocsi-dic-2021/movimientos-sociais>

RESUMO

A mobilização social, diante do quadro do desenvolvimento econômico, e os desafios dos países periféricos na formulação de políticas públicas sempre contribuíram para as questões sociais, e a compreensão dos Movimentos Sociais. A ênfase na história dos Movimentos Sociais no Brasil se justifica pela situação econômica da classe operária e pela amplitude da temática nas últimas décadas. Esse Movimento não decorre exclusivamente de lutas ou reivindicações, mas por diversas situações históricas e geográficas. O presente artigo tem como objetivo apresentar as origens dos dois principais modelos de organização estatal presentes na atualidade. Nessa lógica, mostrar de maneira sucinta, as consequências que tais modelos trouxeram para o conceito de democracia neste início de século XXI.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Organizações da Sociedade; Brasil.

CONSIDERACIONES SOBRE LOS MOVIMIENTOS SOCIALES EN BRASIL: UNA COMPARACIÓN CON EL ESCENARIO LATINOAMERICANO DEL SIGLO XX

RESUMEN

La movilización social, en el marco del desarrollo económico, y los desafíos de los países periféricos en la formulación de políticas públicas siempre han contribuido a la problemática social y la comprensión de los Movimientos Sociales. El énfasis en la historia de los Movimientos Sociales en Brasil se justifica por la situación económica de la clase trabajadora y por el alcance del tema en las últimas décadas. Este Movimiento no surge exclusivamente de luchas o reclamos, sino de diversas situaciones históricas y geográficas. Este artículo tiene como objetivo presentar los orígenes de los dos principales modelos de

organización estatal presentes en la actualidad. Siguiendo esta lógica, mostrar brevemente las consecuencias que tales modelos trajeron al concepto de democracia a principios del siglo XXI.

Palabras clave: Movimientos sociales; Organizaciones de la sociedad; Brasil.

CONSIDERATIONS ABOUT SOCIAL MOVEMENTS IN BRAZIL: A COMPARISON WITH THE SCENARIO OF LATIN AMERICA IN THE 20TH CENTURY

ABSTRACT

Social mobilization, given the framework of economic development, and the challenges of peripheral countries in the formulation of public policies have always contributed to social issues and the understanding of Social Movements. The emphasis on the history of Social Movements in Brazil is justified by the economic situation of the working class and by the scope of the theme in recent decades. This Movement does not result exclusively from struggles or claims, but from various historical and geographical situations. This article aims to present the origins of the two main models of state organization present today. Following this logic, to briefly show the consequences that such models brought to the concept of democracy at the beginning of the 21st century.

Keywords: Social Movements; Society Organizations; Brazil.

1 INTRODUÇÃO

A mobilização social tem enfrentado uma crise de paradigma a partir do momento que a automação foi propulsora das fábricas, principalmente no ABC Paulista. Para entendermos esta revolução e as considerações desta mobilidade social, é importante fazer um retrospecto temporal, analisando o final do século XX e as primeiras décadas do XXI. Toda esta movimentação foi motivada por aspectos que influem na organização social diante de um novo modelo, a globalização, mas que traz consigo uma gama de circunstancia o desenvolvimento em termos econômico, que para o trabalhador nem sempre está de acordo com sua realidade.

Nessa ótica Furtado (2009), nos expõe que os problemas que precisam ser superados, porque o crescimento entra numa questão subjetiva, ao entender que crescimento para uma população pode não ser para outra tamanha desigualdade social. Deste modo, pretende-se analisar a evolução histórica deste período para melhor compreensão e conhecimento do contexto em que os Movimentos Sociais (MS) e a base econômica tramitaram em seu desenvolvimento, articulando e ganhando força na sociedade civil e organizada.

No Brasil, esses movimentos têm passado por profundas e significativas transformações sociais e culturais. Os pensadores começaram a se debater entre os rumos de uma nova concepção de mundo e métodos econômicos que potencializam o desenvolvimento do país, e as partituras e articulações keynesianas ganham força.

O movimento operário tomou novos rumos. Estes princípios transformam-se em melhoria nas condições de vida, redução de impostos, investimento em saúde, segurança e educação, alguns dos aspectos da vida que são impactadas pela falta de mobilização social. Algumas das possibilidades existentes podem ser articuladas no âmbito social, como instrumentos facilitadores do desenvolvimento, remetendo-nos a uma nova concepção, repensando a atuação do indivíduo na sociedade.

Acompanhar essas evoluções parece ser um passo importante para compreender e entender que o progresso da sociedade não se dá na esfera do individual, mas de forma coletiva por necessidade de compreender que desatino de alguns estudiosos segundo Hobsbawn (2007), em pensar que países de poder econômico avantajado ajudariam países subdesenvolvidos mesmo preceitos afirmado por Furtado (2009), isto não acontece por se tratar de uma maneira trivial de suas concepções, por serem países de baixo poder aquisitivo, ser colonizados pelos países ricos isto fica bem claro em a obra Era dos impérios (1988).

A imprensa se esforça em dar destaque a diversos MS, mobilizações que tentam trazer as pessoas para as ruas para pressionar mudanças em forma de gerenciar os bens públicos. O que chama atenção nesses movimentos é a complexidade dos acontecimentos, dificultando o entendimento dos processos e atitudes das pessoas envolvidas pela falta de um estudo mais profundo do alicerce econômico para se chegar as reivindicações. Talvez a maior injustiça da história seja a compreensão do pós-ocorrido. Por isso existe a necessidade de uma clareza histórica, sociológica e até mesmo econômica para analisar se o que está acontecendo é uma concepção política ou massa de manobra de alguns partidos políticos.

2 A ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Analisando está avalanche de protestos, motins e até mesmo suposto princípio de um MS passa por um processo de maturação para ser avaliado pelo olhar do pesquisador, para depois fazer um julgamento e elaborar uma verdade provisória. Nas palavras de Gohn (2000, p. 13) "[...] não há um conceito sobre MS, mas vários, conforme o paradigma". Embora as tendências da evolução dos MS estivessem presentes desde o final dos anos 1990 e início dos anos 2000, as novas mídias sociais e tecnologias de informação e comunicação parecem ter utilizado avanços significativos, Entre os anos 1980 e 2000, mudanças importantes processaram-se na configuração dos MS. Passaram a se caracterizar pela organização em rede, pela horizontalidade e pluralidade ideológica. Tais mudanças talvez possam ser parcialmente explicadas pela necessidade de relações mais democráticas no interior dos próprios MS.

Entretanto, ressalta-se que o MS não decorre exclusivamente de lutas, com espaço definido, determinado por questões políticas e econômicas, mas por diversas situações históricas e geográficas, isto fica bem caracterizados quando analisamos os novos movimentos sociais, que aqui usaremos a sigla (NMS) fornecendo elementos que constituem a identidade e os símbolos de um determinado grupo oprimido mas que se relaciona em um novo contexto de se mobilizar por células de ações sociais frente

a um novo contexto de desenvolvimento econômico pós 1990, os MS tomaram novos rumos a mobilização que se constituía em grupos separados que cientificamente chamaremos aqui de células de ações, uns lutam pela igualdade sexual, outros contra discriminação racial, igualdade de gênero dentre outras. Em uma parte, houve avanço, mas perdeu-se a coesão das características reivindicatórias que marcou século XX, talvez uma crise de paradigma de mobilização, isto teve algumas mudanças significativas nos anos de 2013 e 2014 nas redes sociais. Com isso far-se-á uma viagem bibliográfica com ênfase em uma reflexão sobre os movimentos atuais, em relação aos do século passado, tomando como base, o movimento operário e suas principais centrais trabalhadoras.

O início de uma abertura política, após tantos anos de repressão militar, impulsionado pelo avanço industrial, marcando os primeiros anos de chumbo. A recessão da indústria e da economia a partir dos anos 80 deu lugar a interrogações e muito mais ao pessimismo do que ao otimismo do passado. O quadro recessivo, entre outros fatores da conjuntura internacional e da crise do estado, somado às políticas governamentais fracassaram para o combate à inflação. Retorna-se no tempo, para entender a atual conjuntura, que irá colidir com o movimento operário dos anos 80 do século XX.

O ano de 1985 teve um papel chave no desenrolar da história recentíssima do país. Ele assinala, em teoria, a tão propagada "transição democrática", no sentido da restauração da ordem institucional e do retorno dos militares aos quartéis. O golpe de 64 significou uma ruptura política com populismo e aprofundamento das tendências econômicas preexistentes, fornecendo a moldura para algumas transformações expressivas na sociedade e nos rumos do capitalismo brasileiro.

Analisar a crise de 1964 é tarefa complexa, pois se trata de um período importante do ciclo econômico, mas não de uma crise econômica de maiores proporções, que pusesse em risco a continuação da acumulação capitalista. Recua-se um pouco no tempo para entender a industrialização brasileira e a forma como se organizou o setor urbano-industrial e o setor agroexportador. Justamente por que as pessoas começaram a abandonar o campo e se deslocaram para os grandes centros, causando uma explosão demográfica.

Paralelamente a legislação trabalhista organizada em moldes corporativos, excluía os trabalhadores rurais de seus "benefícios", enquanto para os urbanos estabelecia um piso salarial. O povo não tendo um espaço específico nas grandes cidades começou a usar as partes periféricas da urbanização com nascimento das grandes favelas. O desemprego e a falta de estrutura de moradia foram uma das maiores concepções das reivindicações da massa operária. Posteriormente como causa do empobrecimento da sociedade brasileira, imposta pela ditadura militar. A diferença gradual está em um elemento primordial entre a abertura política e os tempos atuais em termos econômicos, no que se refere ao desenvolvimento a informação e a sua velocidade, além de ser híbridas, não são iguais aos do século passado por isso se diferenciam no que tinge as reivindicações, principalmente as estudantes as diretas já tinha em seu percurso um viés emotivo de mudança institucional onde o calor humano clamava com sentimento de dentro pra fora um apelo por mudança nas estruturas políticas e econômicas, as de 2013 até hoje 2020, de fora para dentro procurando uma identidade isto ainda está em curso pelas redes

sociais onde as (TIC) tecnologia da informação e comunicação são imprescindíveis, é um modelo novo de reivindicação antes havia as reuniões para planejar os movimentos hoje as redes se tornaram ferramentas para reunir a massa, os movimentos pro redes sociais tinham um problema a demanda pois aqueles de 2013 e 2014 tinham muitas reivindicações mais o movimento era feito de forma desordenada.

2.1 Perspectiva dos movimentos sociais entre os anos 60 a 80

A fundação do Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), em 1962, em seu percurso, reflete essa necessidade de ampliação da margem de ação dos sindicatos, assim como seus limites, sua estruturação, mais "a partir de uma grande politização de suas vanguardas de um trabalho de ampliação, de suas bases, a nível das empresas ou locais de trabalho".

Com a concepção da consciência coletiva dessa época, Fausto (1996, p. 478), cita o início da luta armada nos anos posteriores:

A greve de Osasco sofre influência de grupos de esquerda, que tinha assumido a perspectiva de que só a luta armada poria fim ao regime militar. Esses grupos foram muito influenciados pelo exemplo da revolução cubana, e pelo surgimento de guerrilhas em vários países da América Latina, como a Guatemala, Colômbia, Venezuela e Peru.

Este mesmo movimento revolucionário que contagiou trabalhadores brasileiros tanto no passado como no presente com o sindicalismo brasileiro sofreu mudanças bruscas, principalmente em função da automação e os mecanismos da globalização, a operação automática dos dispositivos mecânicos ou eletrônicos de um aparelho foi utilizado em um processo que tomou o lugar do trabalhador. Foi um processo de substituição do humano por esse tipo de operação as chamadas inovações tecnológicas com isto o processo de demissão em massa de algumas fabricas do ABC Paulista na década de 80 a Central Única do Trabalhador - CUT e a Central Geral do Trabalhador - CGT foram vencidas pelos discursos de progresso no princípio acharam que a automação e a perspectiva em um mundo globalizado ia ajudar o trabalhador cientificamente, mas o que houve foi o reverso da moeda tentou-se argumentar no benefício do aumento da produtividade nacional para competir com o mercado internacional.

2.2 Concepção e observação referente às pesquisas dos movimentos sociais

Por que parou? Talvez por ter se criado uma camada de dirigentes que cada vez mais se distanciou das bases dos movimentos e se aproximou das Organizações Não Governamentais - ONGs, e se ocupou em elaborar pautas e agendas de encontros e seminários, andando mais na contramão da parte

teórica sem uma atitude efetiva, fugindo do foco esquerdista, que haja uma cooperação entre os trabalhadores, deixando inclusive de pensar neles como pessoas e seres humanos e os partidos passaram a valorizar os resultados de “harmonia” entre empregado e empregador, principalmente o governo que foi de esquerda, mas para assumir o poder teve que coligar com os empresários.

As lutas deixam de enfatizar a ideia de cooperativismo, contrapondo aos diversos modos de exploração mecanizados pelo capitalismo e utilizando um discurso subjetivo que o Brasil cresce, emergente que será um potencial mundial e ao povo aquilo que os romanos deram como a política do “pão e circo”, desta forma, a população carente e alienada acabava esquecendo os problemas da vida, diminuindo as chances de revolta.

Os “NMS” Novos Movimentos Sociais, aqueles que se situam no micro, fugindo da esfera mais ampla, os cidadãos se mobilizam nas associações de bairro por meio de reivindicações de creches para as mulheres que precisam trabalhar, também por manifestações exigindo igualdade de direitos entre todos, indiferentemente de sua crença religiosa, opção sexual ou a luta do povo afrodescendente, entre outros.

Pesquisas apontam que não há particularidades da esfera das sociedades, buscando as escolas sociológicas europeias da América do Norte, mas não vendo que o referencial latino americano é totalmente oposto a essas escolas e aquilo que foi um momento de Ascensão social em termos de país não atende as necessidades das populações mais carentes. No entanto observou-se o declínio sob o viés da reivindicação da massa, no cenário atual, tirando algumas que houve atualmente em 2013, em meados dos meses de junho e julho, mas ainda está em curso, precisa de mais pesquisa e maturação.

O Brasil precisa dos expoentes de ordem políticas que combine com o continente, segundo Furtado na sua visão desenvolvimento e subdesenvolvimento só é possível se compreendermos as relações entre os homens e a sociedade, que os obriga em níveis e medidas diversas econômicas a agir de acordo com forças estranhas, as suas vontades individuais, e impositivas com relação a eles.

E, ainda, a estratificação era específica, onde a economia era muito importante, e reunia as pessoas em grupos conforme seu nível de renda. Castas, estamentos, ou classes sociais, como queiram, por que no novo milênio, um mesmo meio cultural pode assumir significados diferentes principalmente no que refleti o desenvolvimento de mercado, para diferentes indivíduos, nele imersos e no momento da ação, ocasionar diferenças de comportamento conforme o modo de assimilação dessa cultura, sobretudo, conforme os diferentes tipos de racionalidade empregados pelos indivíduos.

Jean Paul Sartre citado por Thompson (1981, p. 48), explica que “a história não é a ordem, é desordem, uma desordem racional”. No momento em que mantém a ordem, isto é, a estrutura, a história, já estão a caminho de desfazê-la. Antes tinha-se um chão com Durkheim, Marx e suas correntes, hoje nós temos outro que ainda não está bem claro, nas entrelinhas, por que as lentes antigas já não deslumbram o novo milênio, cabe a nós descobriremos onde está a lente, esta metafísica (parte da filosofia que procura determinar as regras fundamentais do pensamento), que ainda está em curso, e teremos que desvendar, com as teorias contemporâneas.

Deste modo, volta-se aquela palavra mágica “hipótese”, mas para isto temos que ter um embasamento teórico, para uma condição hipotética (ideal) para que o pressuposto científico seja relativamente para métodos que serão usados no mundo empírico ou no mundo prático. Essa hipotética configuração pode ter argumentos compreensivos nos métodos por Weber, onde é explicado nos textos selecionados por Tragtemberg, citado por Gohn (2000), subtítulos compreensão e explicação, na qual ele fala sobre a exterioridade das ações.

Um exemplo Interessante:

Se uma pessoa dá a outra um pedaço de papel, esse fato, em si mesmo é irrelevante para o cientista social. Somente quando se sabe que a primeira pessoa deu o papel para outra como forma de saudar uma dívida (um pedaço de papel é um cheque) é que está em diante de um fato propriamente humano, ou seja, de uma ação carregado de sentido. (Tragtemberg, *apud* Gohn, 2000, p. 7)

Com esse exemplo do cheque voltou-se as concepções weberiana carregada de símbolos, valores e signos. Uma observação singular, mas interessante é a luta revolucionária no Brasil, ela praticamente não existiu, o PCB e o PCdoB tentaram alguns movimentos mas sempre foram suprimidos pelos governos populistas e uma outra diferença existente é que alguns países da América, mas principalmente da América Latina quando os pesquisadores abordam com uma conotação romântica quanto a revolução cubana, contudo tivemos mais abrangência em nosso país em termos de movimento na década de 70 e 80 com um sindicalistas que posteriormente se tornou presidente da república comandando um sindicato, inclusive com a opressão militar colocando-o no cárcere por algum tempo, a história conta que o povo sempre teve um certo receio, ou mesmo temor de uma esquerda radical, principalmente que esse mesmo presidente sindicalista perdeu três vezes para que na quarta vez com uma esquerda moderada num discurso de firmar compromissos com antigos governos recentes, principalmente com a dívida externa, havia uma parte hipotética que se referia à uma moratória, mas tudo não se passou de suposição.

Partindo desse pressuposto para o pesquisador cabem algumas reflexões, principalmente nos dois últimos meses do século XXI com as ações de mobilização do povo brasileiro via redes sociais, muito se fala na imprensa escrita e falada, que não tinha uma conotação política, simplesmente uma mobilização das redes sociais, e eles iam se aglomerando, ai fica outra pergunta, será que é por causa de um governo de esquerda que detinha o poder, e, agora que agregou-se as polemicas do atual e agora não existe mais Participação? Ou ela é fraca? E se não fosse nossa constituição com dois mandados poderia se firmar durante anos uma ditadura? Ou uma ditadura partidária?

Ficando claro que a força reivindicatória esteve presente com objetivos ideológicos nos anos 70 e 80 do século XX e perdeu-se nos anos 90, não tendo, a mesma força reivindicatória dos outros tempos,

quase se sucumbiu pode não ser uma crítica substancial ao mesmo governo presente, ou melhoras, sim, mas houve também rupturas, principalmente a perda de algumas utopias, será que o preço disso foi o silêncio? O jargão popular do momento ou pelo menos nos dois meses ou três passados desse novo milênio é que o gigante acorde.

O resto da América Latina sempre teve em termos de reivindicações um radicalismo para suas mudanças sociais que ofereceram perspectivas reais de supressão e eliminação das injustiças estabelecidas com base no problema da desigualdade e o Brasil, partiu dos princípios dos acontecimentos além das suas fronteiras, o que rezava a cartilha de alguns pesquisadores para aprender a reivindicar seus direitos, não só em termos de mobilidade social, mas também os processos sociais foram mais lentos, considerando em termos de luta armada, sempre houve um meio termo, chegou-se até perto (quanto a legalidade brizolista). Quanto a posse do vice de Jânio Quadros, João Goulart, em 1961, principalmente por que Jango era vice do então presidente Jânio Quadros, como Jango estava em visita à China, assumiu o governo do Brasil o presidente do Senado, Ranieri Mazini, isso deixou furioso o então governador do Rio Grande do Sul.

Os americanos se preocupavam quanto às ações de um presidente com tendências socialistas. É bem verdade, que a perda da memória, muitas vezes, é consequência da nossa origem. A massa “desraizada”, acaba formulando a figura do ditador, e, sobressaindo do ponto de origem.

O visto ultimamente nas redes sociais, é que os estados nacionais, embora com soberania, criaram um coletivo que acaba desestimulando a consciência coletiva. Isso tem muito haver, com o desaparecimento da identidade nacional, mas acabasse convivendo com uma nova espécie de identidade coletiva. Há muitos anos atrás, no século XVIII, aproximadamente em 1842, uns seis anos antes de Marx, escrever o manifesto comunista, algumas comunidades oriundas de descendentes europeus, criaram em São Francisco do Sul, norte de Santa Catarina, uma chamada colônia industrial.

Foi uma das primeiras experiências do socialismo utópico, e do anarquismo no mundo. Os operários deveriam trabalhar por prazer, e tudo que produziam era dividido, mas a ideia durou menos de um ano. O que quer se dizer, é que, quando não existe uma concepção política, a estrutura pode findar pouco a tempo. Outra experiência em termos de Brasil foi à colônia Cecília, que chegou a reunir, cerca de 200 italianos, entre camponeses e artesões.

Neste novo milênio, com a concepção da internet e das redes sociais, talvez, a falta de identidade acabou desmistificando o movimento popular. O esforço coletivo, sempre existiu, mas as tendências acabam se transformando com o passar dos anos. A chamada liberdade on-line pode ser o primeiro estopim de um movimento, mas as ideias utópicas não estão bem caracterizadas. Não basta apenas se mobilizar, mas as tendências devem estar de acordo com os pedidos e as reivindicações. Assim, será melhor, para poder inovar e resolver problemas, mas esta colmeia digital, também sofrem críticas, o esforço coletivo acaba reproduzindo vidas rotineiras de um emaranhado de informações, que acaba nivelando por baixo o produto final reivindicatório.

A beleza da internet, é conectar as pessoas, mas o valor, está nos outros (identidade), entretanto,

se começarmos a acreditar, que a internet em si, é uma entidade que tem algo a dizer, vão desvalorizar essas pessoas, e nos fazer “idiotas”. As redes transnacionais das comunidades virtuais acabam se sobressaindo das fronteiras, e isso, vem sendo um dos maiores problemas. Aqueles argumentos ingleses, nem sempre serão absolvição francesas e muito menos considerações latino-americanas. Aquilo que é importante para o Caribe, pode ser desinteressante para o Brasil.

O discurso tem que estar nivelado com as considerações da necessidade do povo brasileiro. Não existe certeza que se proporcionar um “quebra-quebra”, desencadeará uma mudança significativa, no entanto, é crucial para automação da sociedade para com a causa. E, ainda, o conceito de rede interligado, estar no lugar, já não significa pertencer só a comunidade local, assim como mostrou Mohamed Ata, líder dos ataques do 11 de setembro, que frequentava boates americanas, enquanto fazia parte da mais perigosa seita fundamentalista. A parte hipotética, que é descrito por alguns estudiosos, nos remete a pensar a nova cultura do século XXI, as redes sociais. Talvez por isso, acabaram sucumbidas temporariamente as manifestações, pois a vontade do povo é latente, mas os rumos, estão estanques.

O desenvolvimento não tem a sua plenitude com as argumentações das necessidades humanas, isto para outro lado, para os políticos, ou para quem está no poder, é interessante, por que eles já fizeram parte do outro lado, e pode proporcionar um escudo onde haverá uma blindagem dos argumentos deferidos.

O que acontece, é que o mundo on-line ficou objetivo nas funções de comunicação e diálogo receptivo, mas, ele vive na subjetividade das redes sociais e não é um objetivo palpável, material. A história faz uma leitura muitas vezes mecânica e determinista da realidade social. As correntes dos historiadores, muitas vezes liberadas por Hobsbown e Thompson, talvez neste novo modelo, seja muito trivial, necessita-se assim de novas correntes, novas tendências.

Principalmente pela confusão existente entre os termos, comunidade e sociedade, faz com que pensam serem ambos sinônimos e gradativamente podem ser trocados, instintivamente, um pelo outro. E os processos sociais são marcados por relações que estabelecem comportamentos de forma de cooperação e convivência, e que algumas vezes, há consenso no grupo, e outras, existe certa diversidade, dependendo das considerações de consciência coletiva, que podem ser positivas, ou negativa, e isso só pode acontecer em termos humanos e não com software, então deve-se fazer uma filtragem, entre os componentes virtuais e a mobilização das massas.

É com estas conotações, e observação que podem deslumbrar, neste novo milênio, algumas características, das lentes de Max Weber, por que para ele a sociologia é uma ciência que pretende entender, interpretando a ação social em seu desenvolvimento e efeitos, usos, costumes e situações de interesse, isso já foi abordado em algumas linhas pelo geógrafo, Santos (2003), também em sua obra por outra globalização, cabe algumas considerações a respeito da mesma.

Segundo Furtado (2009) os MS emprestaram a face humana ao capitalismo, e enfatiza que o país tem possibilidade de dimensionar a agricultura e assim, a globalização se torna o país em situação de

privilégio, não deixando de citar que o problema social é um grave problema que o mundo irá sofrer diante da globalização, inclusive no Brasil. E que a humanidade tem que ser reciclada no século XXI.

No século passado presenciou-se mobilizações de pessoas que sabiam realmente o que queriam imbuídas de uma paixão avassaladora de seus ideais mais acima de tudo lideranças que empurravam no discurso e na atitude para conseguir seus direitos atualmente como se tem certeza da fidelidade e do carisma daquilo que pedido, cabendo ao pesquisador da cautela e o resguardo entre as inspirações da sua escrita e dos acontecimentos daquilo que está observando tanto sociólogo quanto o filósofo neste momento terá que ter a modéstia e a simplicidade para montar este quebra-cabeça, um olhar a decifrar o ser ou não ser quanto ao objeto de pesquisa se busca tendência dos clássicos consegue entender que ao contrário de Marx e Weber separa classe não em termos de estratificação, mas, para estudar signos, costumes, cultura, já que o primeiro mantém relação de classe, e o segundo no olhar do pesquisador é mais conceitual para estrutura social atual porque é um conjunto de múltiplas lógicas subjetivas e as perspectivas de análise são mais complexas.

2.3 Desenvolvimento e Subdesenvolvimento Econômico da América Latina e Brasil no Século XX

Segundo Hobsbawm (2007, p. 22), “o século não pode ser tratado como um bloco único, cronologicamente ele se divide em três períodos: a era da guerra mundial, centrada na Alemanha (1914-45), a era da confrontação entre as duas superpotências (1945-89) e a era posterior ao fim do sistema clássico de poder internacional”.

Na América Latina o século foi influenciado pelos movimentos mundiais. No entanto, considera-se que os países latino-americanos, após independência sofreram com a desordem causada pela instabilidade econômica e política.

Após a Segunda Guerra Mundial, diante da criação da Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945, nasceu por Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), em 25 de fevereiro de 1948, com o intuito de desenvolver modelos industriais substitutos e formas mais eficazes de desenvolvimento autônomo para a América Latina, conhecido como cepalino.

O método histórico-estruturalista cepalino preocupou-se, dessa forma, com os determinantes históricos, econômicos e sociais que condicionaram a heterogeneidade estrutural, impactando negativamente na distribuição de renda, no avanço da produtividade e nas condições de oferta na América Latina.

Assim, Vieira (2012) relata que Furtado mostrou que no período ocorreram mudanças em seu diagnóstico do subdesenvolvimento dentro da hipótese de que ele elaborou um diagnóstico dinâmico do subdesenvolvimento, ou seja, no decorrer do tempo ganhou um caráter mais amplo (além dos marcos da ciência econômica), reflexo do quadro de crise econômica vivido pelo Brasil no início da década de 1960.

Deste modo, Furtado (2007) em sua teoria do desenvolvimento econômico, assenta de nexos inextrincáveis entre desenvolvimento capitalista autodeterminado e homogeneidade social. Como bem

exemplifica:

(...) a pressão no sentido de reduzir a importância relativa do excedente – decorrente da crescente organização das massas assalariadas - opera como acicate do progresso da técnica, ao mesmo tempo que orienta a tecnologia para poupar mão-de-obra. Dessa forma, a manipulação da criatividade técnica tende a ser o mais importante instrumento dos agentes que controlam o sistema produtivo, em sua luta pela preservação das estruturas sociais. Por outro lado, as forças que pressionam no sentido de elevar o custo de reprodução da população conduzem à ampliação de certos segmentos do mercado de bens finais, exatamente aqueles cujo crescimento se apoia em técnicas já comprovadas e abrem a porta a economias de escala. (Furtado, 2007, p. 4)

Furtado (2007, p. 90), cita que "o processo de desenvolvimento se realiza seja através de combinações novas dos fatores existentes, ao nível da técnica conhecida, seja através da introdução de inovações técnicas".

Vieira (2012, p. 193) citando Furtado (2007) enfatiza que:

(...) o caminho do desenvolvimento econômico pelo qual passaram os países desenvolvidos (EUA e Europa) pode ser facilmente seguido pelos países atrasados, que assim são devido ao fato de estarem presos a culturas arcaicas, ou seja, a tradição emperra sua modernização e seu crescimento econômico.

O subdesenvolvimento começou a conviver com um novo padrão de consumo das elites locais. Deste modo, ainda Furtado (2009, p. 81) continua afirmando que o:

Estado brasileiro preferiu fazer uma inserção por meio do consumo, mesmo que seja de uma pequena parcela da população sem observar, no entanto, a necessidade de melhorias horizontais no progresso tecnológico da estrutura produtiva, na distribuição de renda e na expansão das potencialidades humanas.

Furtado (2007) faz referência que o desenvolvimento e o subdesenvolvimento constituem a representação de estruturas sociais que resulta da prevalência de um ou de outro, podendo-se considerá-las como situações históricas distintas, mas derivadas de um mesmo impulso inicial. Ou seja, Furtado (2009, p. 30) ainda alude que “desenvolvimento no mundo todo tende a criar desigualdades. É uma lei universal inerente ao processo de crescimento: a lei da concentração”. Para o autor, a globalização tende a criar maiores disparidades nas desigualdades existentes nos países

subdesenvolvidos e em desenvolvimento.

Na mesma linha Furtado (2009) relatou que “a exportação concentradora de renda permite que a classe mais abastada dessas economias tenha acesso a diversificação do consumo (inerente ao processo de acumulação), enquanto o resto da população é privada estruturalmente de ganhos materiais”.

Hobsbawm (2007, p. 153) afirma que:

(...) a política da nossa época é de natureza complexa. Os Estados nacionais ainda são dominantes — o único aspecto da globalização em que a própria globalização não funciona —, mas trata-se de uma forma peculiar de Estado, no qual quase todos os habitantes comuns têm papéis importantes.

Furtado (2007, p. 77) a atualidade dos problemas brasileiros quando mencionou o desafio para o século XXI.

(...) a criatividade humana, hoje orientada da forma obsessiva para a inovação técnica a serviço da acumulação econômica e do poder militar, seria dirigida para a busca da felicidade, está entendida como a realização das potencialidades e aspirações dos indivíduos e das comunidades vivendo solidariamente.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário atual revela uma massificação social, em busca de conteúdos substitutos de valores que existiam antigamente. Lutou-se por melhoria nas condições de saúde, no entanto, não havia conhecimento a respeito de quais melhorias deveriam realizar. Ou seja, uma luta sem objetivos. Um plano, sem projetos. Desta forma, observa-se um retrocesso, direcionando tudo ao abstrato, ao irreal, ao subjetivo, das redes sociais.

O verdadeiro valor de um movimento social, é o caráter de identificação entre os ideais, o direcionamento de um plano compacto entre os comandantes das lideranças e também daquilo que se está se reivindicando. A massa, algumas vezes não consegue entender, enquanto cientistas sociais (historiadores, sociólogos, filósofos e pedagogos), devem ser o fio condutor entre os humildes necessitados, objetivando buscar aquilo que Santos (2003) entende por uma outra globalização, e não construindo o novo milênio, em uma elite mundial, atravessando as fronteiras e multiplicando a opressão das multinacionais em que uma compra a outra, desenvolvendo quadros de desemprego e consequentemente a fome e miséria.

Na década de 60, 70 e 80 do século passado, e também no início dos anos 90, era conceptível.

Assistia-se televisão, lia-se jornais e as notícias eram mais vagarosas. Havia tempo para interpretá-las. Hoje, elas são dinâmicas, e os discursos mudam a todo instante. Outrora far-se-ia uma pirâmide social, através de uma estratificação marxista e explicaria a mobilidade social que tanto era na vertical como na horizontal. Mas agora como fica tentaremos nos mobilizar, a economia brasileira já vinha apegando desde 2015, como o comportamento do PIB, taxa de crescimento negativo de ordem de 0,90% ao ano entre 2015 e 2019 o governo tenta agir salvar o desenvolvimento com medidas alternativas e tentamos uma consciência coletiva remota.

Hoje, é diferente, a competitividade é mais acirrada, antes falava-se em quebra-quebra, principalmente das bolsas de valores, e hoje, o que vivencia é a compra de grandes investidores, monopolizando algumas empresas onde exige-se mais progresso científico, e técnico. Na atualidade, diante da globalização, a economia tende a ser menos massificada, ou seja, um grande poder aquisitivo concentra-se em mãos de poucos, e grande parte vivem em altíssimo grau de pobreza, ou mesmo miserabilidade.

A educação é cada vez mais necessária, pois diante da globalização, se exige as técnicas produtivas dos serviços informatizados, um aperfeiçoamento profissional, que seja dinâmico e rápido, e que acompanhe as mudanças, deixando a competição para entrar uma concorrência de uma economia mais acirrada.

REFERÊNCIAS

- Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL). **Escritório da CEPAL em Brasília**. Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/sedes-e-escritorios/cepal-brasilia>. Acesso em: maio 2020.
- Fausto, B. **História do Brasil**: história do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias. São Paulo: Edusp, 1996.
- Furtado, C. F. A Operação Nordeste: plano de ação. In: FURTADO, C. **O Nordeste e a saga da Sudene** (1958-1964). Arquivos Celso Furtado, vol. 3. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Contraponto/ Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento, 2009, p. 45.
- Furtado, C. F. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2009, 234 p. (1ª edição 1961).
- Furtado, C. F. **Formação econômica do Brasil**. 34ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 (1ª edição: 1959).
- Gohn, M. G. **Os Sem Terras, ONG's e Cidadania**. São Paulo: Cortez, 2000.
- Gohn, M. G. **Teoria dos Movimentos Sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. 2. ed. São Paulo, Loyola, 2000.
- Hobsbawm, E. **Globalização, democracia e terrorismo**. Companhia das Letras. Edição do Kindle, 2007.

Santos, M. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Thompson, E. P. **A Miséria da Teoria:** ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Vieira, W. O subdesenvolvimento no pensamento de Celso Furtado | um diagnóstico dinâmico (1950-64).

Cadernos do desenvolvimento, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, p.191-201, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/207>.

Acesso em: junho/2020.